

REVISTA É COISA DE MULHER? A ATUAÇÃO FEMININA EM PERIÓDICOS DE OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR

MARIANA LINK MARTINS¹; CLÁUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianalinkk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fonseca.claudialorena@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho contempla parte da pesquisa de dissertação de mestrado a qual visa refletir sobre a presença – e a ausência – de mulheres intelectuais em revistas culturais e literárias brasileiras, caracterizadas pela oposição à ditadura militar, que circularam no final da década de setenta. A presente investigação parte da perspectiva de que as revistas latino-americanas são fontes históricas capazes de revelar o cenário político, cultural e social de seu tempo, constituindo, assim, um campo de estudo inestimável para entender e refletir o contexto da época de sua circulação, uma vez que, independente de sua temática, sempre tratam do presente.

Segundo CRESPO (2011) as revistas são “consideradas um objeto de estudo central para o conhecimento de aspectos da história, da cultura e da literatura latino-americanas” (CRESPO, 2011, p. 107), pois em suas páginas encontram-se manifestações literárias e culturais, assim como ideológicas, que estão diretamente relacionadas às urgências do período em que circularam. Além disso, de acordo com COUTO (2015), constituem o espaço preferencial de circulação e atividade da figura do intelectual, o qual emerge na altura em que a esfera pública moderna começa a surgir. No entanto, o espaço público foi durante muito tempo ocupado exclusivamente por homens. Dessa forma, a intelectualidade foi historicamente proclamada como um atributo masculino por excelência. COSTA (2019) destaca que tal concepção estereotipada provocou uma desvalorização da história das mulheres enquanto intelectuais públicas, bem como um expressivo apagamento de suas colaborações.

DUARTE (2017), em seu trabalho de recuperação de produções intelectuais femininas, afirma que no Brasil foram os jornais “os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuram em espaços de publicidade, aglutinação e resistência” (DUARTE, 2017, p. 98). Percebe-se, assim, que é indispensável, para pensar a trajetória das mulheres intelectuais no país, a sua relação com a imprensa e suas vertentes. E, posto que a história de parte da imprensa brasileira é reconhecida por seu papel alternativo em relação à oficial, durante a ditadura militar, é substancial refletir sobre a participação das mulheres neste período de grande importância.

Para tanto, a pesquisa debruça-se principalmente sobre a revista *Versus* (1975-1979), e algumas outras, como *Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio* (1976-1982), *José – Literatura, Crítica & Arte* e *Pasquim* (1969-1991), para construir uma contextualização do cenário intelectual da época. Neste trabalho, especificamente, será discutido o estudo que realizamos acerca da revista *Almanaque*, o qual representa os primeiros resultados obtidos a partir da investigação proposta.

2. METODOLOGIA

A pesquisa parte de um olhar crítico feminista e baseia-se na metodologia sugerida por CRESPO (2011) para o estudo de revistas culturais e literárias latino-americanas, a qual consiste em uma análise interdisciplinar, fundamentada na articulação entre as publicações, os grupos intelectuais e a conjuntura histórica e socio-cultural, seguindo o caminho no qual as revistas são consideradas como “baluartes culturais”, ou seja, como “pólo emissor e campo de intersecção de propostas culturais, artísticas, literárias e políticas” (CRESPO, 2011, p. 107). Nesse sentido, será verificada a orientação do grupo intelectual que dirige o projeto editorial, bem como reconhecer seus processos internos de produção e seu organograma. Outro ponto que deve ser pesquisado são os critérios de hierarquização dos espaços de publicação. Sendo assim, nos periódicos escolhidos para a pesquisa será especulado tanto o conteúdo, como também as figuras que estão por trás da produção editorial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio foi uma revista cultural e literária, que circulou entre os anos de 1976 e 1982, com um total de catorze números. Publicada pela Editora Brasiliense e coordenada por dois professores da Universidade Federal de São Paulo, Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr., o periódico paulista apresentava em suas páginas ensaios acadêmicos, pesquisas, resenhas, traduções, dissertações de mestrado, teses de doutorado, trechos de livros, além de obras ficcionais e poéticas.

Comparada a outras revistas que circulavam na época, *Almanaque* diferenciava-se principalmente pela coordenação *co-exercida* por uma mulher, mas também por manter uma mesa de redação com grande participação feminina. Ao observarmos as publicações, percebemos que o projeto editorial era composto por uma grande participação feminina. Além da direção de Walnice, intelectuais como Lígia Chiappini Moraes Leite, Marilena Chauí, Maria Malta Campos, Heloisa Buarque de Holanda, Ana Cristina César, Silvia Maria S. Carvalho, Zulmira Ribeiro Tavares, colaboraram efetivamente na revista. Não apenas no conteúdo, enquanto publicadas, mas também fazendo parte da direção e organização da mesma.

Em 1979, *Almanaque* publica uma edição intitulada “Mulher Objeto de... Estudo”, a qual tinha como eixo temático a discussão sobre as mulheres e suas condições de existência, além de também dar visibilidade às obras de autoria feminina. Nove mulheres publicaram seus textos na edição: Sônia Curvo Azambuja, Walnice Nogueira Galvão, Ana Cristina César, Heloisa Buarque de Holanda, Maria Malta Campos, Daisi Malhadas e Silvia M. S. de Carvalho. A edição ainda conta com uma seção de nome “Segunda Feira de Poesia” (pp. 37-42), que apresenta poemas de autoria exclusivamente feminina, onde se fazem presentes as poetisas Xênia Antunes, Letícia Moreira de Souza, Eunice Arruda, Lúcia Vilares, Maria Valencise, Leila Míccolis, Alda, Maria Lúcia Alvim, Miriam Chnaiderman, além da constante Ana Cristina Cesar. Além disso, na parte final encontra-se a indicação de dois livros produzidos pela Editora Brasiliense, ambos escritos por mulheres, o primeiro é *Mulher Brasileira – Bibliografia Anotada* (1979), elaborado pela Fundação Carlos Chagas, e o livro segundo é *Ser Esposa: a mais antiga profissão* (1979), de Danda Prado.

Diante de tais apontamentos, é lícito afirmar que *Almanaque* assumiu uma posição de precursora, ao adotar o protagonismo de mulheres em um espaço majoritariamente masculino, e também por dar espaço as discussões de cunho

feminista, uma vez que os pensamentos feministas eram profundamente estigmatizados no país, ainda mais no contexto complexo da ditadura militar. Segundo PINTO (2003):

O feminismo era malvisto no Brasil, pelos militares, pela esquerda, por uma sociedade culturalmente atrasada e sexista que se expressava tanto entre os generais de plantão como em uma esquerda intelectualizada cujo melhor representante era justamente o jornal *Pasquim*, que associava a liberalização dos costumes a uma vulgarização na forma de tratar a mulher e a um constante deboche em relação a tudo que fosse ligado ao feminismo (PINTO, 2003, p. 64).

Por isso, no mesmo período, foram criados por mulheres periódicos alternativos de caráter exclusivamente feminista, como o *Brasil Mulher* (1975-1979) e o *Nós mulheres* (1976-1978), pois elas não encontravam nos já existentes a possibilidade de inserção dos debates feministas, pelo menos na maioria deles. Bem como pontuou PINTO (2003), a esquerda não via a importância das pautas relacionadas à agenda específica das mulheres diante dos problemas que o país enfrentava. Muitos dos representantes da esquerda entendiam que as causas feministas eram insignificantes se comparadas com a luta pelo fim da ditadura militar. Essa concepção, sem dúvidas, recaiu também nos meios intelectuais de oposição ao regime.

Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio colocou em relevo esse debate que já se evidenciava urgente na sociedade do período, com a intenção de contribuir com a disseminação do feminismo enquanto movimento político-social e também como matriz teórica. Distinguindo-se, portanto, daqueles que se apropriaram das pautas para minimizá-las com tom de deboche. Por todos os motivos apontados, a revista paulista foi um importante veículo de legitimação das mulheres intelectuais. A partir de um projeto com protagonismo feminino em sua concepção, produção e direção, *Almanaque* deu visibilidade ao trabalho de inúmeras intelectuais, além de evidenciar os papéis relevantes e decisivos que exerciam nos meios acadêmicos e sociais.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo possibilitará compreender quais espaços eram destinados às mulheres e quais papéis elas desempenharam no periodismo político-cultural alternativo ao regime militar e assim recuperar a história de mulheres que, além de clamar por democracia, tiveram que reivindicar o direito de participar do mundo intelectual. Tendo em vista que a história das mulheres enquanto protagonistas públicas passou por um processo de apagamento e deslegitimação, produzir um resgate acerca de suas existências e assim narrar suas trajetórias, são tarefas necessárias para inseri-las na história como agentes políticas e sociais.

O motivo pelo qual foi escolhido o recorte temporal da ditadura militar para realizar a pesquisa é justamente porque os intelectuais mais destacados e lembrados pela historiografia são homens. Contudo, conforme é possível observar nos resultados parcialmente obtidos, muitas mulheres participaram efetivamente da resistência cultural, mas tiveram suas contribuições silenciadas e esquecidas. Portanto, este trabalho encontra-se com a perspectiva de PERROT (2007), a qual demonstra a importância de escrever a história das mulheres, pois só assim será possível romper com o silêncio no qual elas foram tradicionalmente confinadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. N. da. A mulher como intelectual pública. **Revista Diaphonía**, Toledo, v. 5, n. 1, p. 175-181, 2019.

COUTO, C. P. Revistas político-culturais como cifra da história intelectual latino americana. **História, imagem e narrativas**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 1-15, 2015.

CRESPO, R. A. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. (orgs). **Cadernos de Seminários de Pesquisa: volume II**. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. Cap. 5, p. 98-116.

DUARTE, C. L. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. **Revista XIX**, v. 1, n. 4, p. 95-105, 2017.

MARTINS, M. L.; FONSECA, C. L. Mulheres intelectuais em revistas culturais: a propósito de Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio. **Cadernos de Letras**, Pelotas, n. 39, p. 139-154.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

Periódicos citados

Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio. São Paulo, 1976-1982.

Brasil Mulher. São Paulo, 1975-1979.

José – Literatura, Crítica & Arte. Rio de Janeiro, 1976-1978.

Nós mulheres, São Paulo, 1976-1978.

O Pasquim. Rio de Janeiro, 1969-1991.

Versus. São Paulo, 1975-1978